

[384]

# BULLYING – A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DO 2º E 3º CICLO

Isabel Macedo Ferreira da Cunha e José Morgado  
ISPA, Instituto Universitário

*[Resumo] O bullying é uma conduta de agressão física e/ou psicológica realizada por um aluno ou alunos que elegem outro aluno como vítima. Partindo desta definição e sabendo que a percepção que os professores têm do bullying pode influenciar o modo como agem perante situações de vitimização (Boulton, 1997), a presente investigação pretendeu conhecer/caracterizar as percepções dos professores sobre este fenómeno e verificar se essas percepções variam em função da fase de carreira em que estes se encontram.*

*[Palavras-chave] Bullying, percepção, professores*

## 1. Introdução

Para Olweus (1991), a ocorrência de bullying verifica-se quando um aluno é exposto repetidamente e durante um determinado período de tempo, a acções negativas por parte de um ou mais alunos. Sendo que, as acções negativas ocorrem quando alguém tenta ou consegue de modo premeditado causar prejuízo ou infligir dano ou sofrimento a outra pessoa (Olweus, 1991). Estas acções negativas contra outrem podem ser físicas, psicológicas, verbais, sociais e/ou sexuais.

O fenómeno do bullying caracteriza-se assim, pela intencionalidade, pela continuidade e pela desigualdade de poder entre o/os agressor(es) e a/as vítima(s) (Leonardo, 2007). De referir também, é o facto de a exposição a situações de vitimização, ter efeitos negativos, a longo prazo, para os agressores, para as vítimas e para toda a comunidade escolar (Olweus, 1993). O contexto escolar é então, um território privilegiado, para a prevenção primária da violência, já que é neste contexto que crianças e adolescentes passam grande parte do seu tempo (Débardieux, 2007, cit. por Martins, 2007).

Assim, os professores, sendo os principais agentes educativos na escola e sendo transmissores de valores de cidadania, têm ganho a atenção de diversos autores (Pepler, Smith, & Rigby, 2004, cit. por Baumen & Del Rio, 2006), que relevam a importância do envolvimento destes ao nível da criação/ implementação de medidas de intervenção como forma de combater os efeitos do bullying. Segundo

Almeida, Justicia e Muñoz (2005), o professor assume então, um papel decisivo, não só porque é ele quem na grande maioria dos casos detecta as situações de violência, como é também, e em consequência, o primeiro a ter que encontrar soluções para essas mesmas situações. É por isto crucial que o professor conheça os problemas de violência que ocorrem na escola e importante que reconheça nestes problemas o fenómeno de bullying. Isto porque como nos diz Pingoello (2009), os professores que revelam dificuldades em diagnosticar situações de bullying não irão adoptar medidas válidas de combate e prevenção.

De facto, a percepção dos professores acerca do bullying pode como refere Boulton (1997), influenciar o modo como estes agem perante situações de vitimização. De acordo com o autor, os professores que vêem determinados comportamentos como bullying, revelam maior predisposição a intervir e a responder eficazmente a esses comportamentos, do que os professores que não consideram determinados comportamentos como bullying, que se revelam menos empenhados nos seus esforços para porém fim a este fenómeno.

Dada a importância do tema, salientamos alguns estudos que foram realizados com professores relativamente à sua percepção sobre este fenómeno.

A propósito da definição de bullying Boulton (1997), diz que uma importante percentagem de professores não vê a exclusão social como bullying, o que demonstra que as estratégias de intervenção usadas pelos professores

diferem consoante se trata de bullying directo ou indirecto. Num estudo do mesmo autor, sobre os comportamentos que os professores incluem com mais frequência na sua definição de bullying, verificou-se que comportamentos como bater e empurrar eram percebidos como bullying por 97.1% dos professores, seguem-se as ameaças verbais, referidas por 97.1% e os comportamentos de forçar as pessoas a fazerem algo contra a sua vontade, enunciadas por 92.8% dos professores. Os comportamentos menos referidos pelos professores neste estudo, foram a exclusão social (47.8%) e o gozar com a desgraça dos outros (58.0%).

Yoon e Kerber (2003), realizaram um estudo nos Estados Unidos, que à semelhança dos resultados obtidos em outras investigações, revelou que os professores se envolvem significativamente menos no bullying relacional do que no bullying físico ou verbal, revelando que 50% das intervenções realizadas relativamente ao bullying físico e verbal envolvem acções contra o agressor, sendo apenas 10% as intervenções no bullying relacional onde isso acontece.

Quanto à percepção das crianças vítimas de bullying, Olweus (1993) menciona que estas dizem que por norma os professores não intervêm ou intervêm raramente, perante episódios de agressão em sala de aula. A este respeito foi realizado nos Estados Unidos, um estudo que revelou que 80% de uma amostra de alunos do ensino básico acreditam que os adultos não têm conhecimento das situações de bullying (Swearer & Cary, 2003, cit. por Bauman & Del Rio, 2006).

Relativamente à atitude dos professores para com as vítimas e para com os agressores, Boulton (1997), ressalta que os professores geralmente demonstram atitudes negativas para com o bullying e para com os agressores e atitudes empáticas para com as vítimas.

Num estudo sobre a percepção dos professores relativas às competências sociais das vítimas, concluiu-se que as crianças vitimizadas são tidas como tendo maiores problemas ao nível das competências sociais do que as crianças que não são vitimizadas. Os problemas sociais mais mencionados pelos professores ligam-se com a vulnerabilidade das vítimas e com o seu comportamento não assertivo. Existiram, porém, professores que mencionaram

alguns comportamentos provocativos que as vítimas têm, como o facto de quando estão chateados responderem ao agressor, tentarem estragar os jogos das outras crianças e chatearem e enervarem outras crianças (Fox & Boulton, 2005).

Mas será que as percepções dos professores face ao fenómeno de bullying diferem consoante os anos de carreira que têm?

Um estudo de Yoon e Keber (2003, cit. por Baumen, & Del Rio, 2006), verificou que não existiam diferenças significativas na forma como os professores menos e mais experientes abordavam e intervinham em situações de bullying. No entanto, de acordo com alguns autores existem evidências de que os professores mais experientes tendem a ser mais tolerantes ao mau comportamento, percebendo menos comportamentos como problemáticos (Borg & Falzon, 1990; Ramasut & Papatheodorou, 1994; cit. por Boulton, 1997).

Vemos assim, que os professores desempenham um papel essencial na prevenção do bullying já que podem influenciar este tipo de comportamento na escola (Wilezenski et al., cit. por Newman-Carlson & Horne, 2004).

## 2. Método

### 2.1 Participantes

Participaram neste estudo 60 professores do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, de cinco escolas públicas situadas na região de Lisboa, Sinta, Mafra, Odivelas e Setúbal. 19 dos 60 Professores leccionam o 2º ano do Ensino Básico e 41 leccionam o 3º ano do Ensino Básico. As idades dos participantes variam entre os 25 anos e os 60anos de idade.

### 2.2 Procedimento

Numa primeira fase realizou-se o delineamento da investigação e procedeu-se à selecção do instrumento maisadequado tendo em vista os objectivos definidos. Foi então, seleccionada uma entrevista semi-estruturada construída de raiz por Paulo (2007), entrevista que segue um guião que aborda os pontos que pretendemos estudar.

Seguiu-se a realização dos contactos com os presidentes dos Conselhos Executivos das escolas, tendo sido solicitado o pedido de autorização para iniciar a recolha de dados. Depois de autorizada a recolha de dados, os professores foram entrevistados num local específico, por norma a sala de professores.

Antes do início de cada entrevista, foi feita uma breve apresentação do estudo e explicada a sua finalidade, sendo realçado o facto de não existirem respostas certas ou erradas. O anonimato dos participantes e a confidencialidade no tratamento dos dados, tal como o seu uso exclusivo para fins de investigação, foram assegurados.

Concluídas as entrevistas, procedeu-se à transcrição integral dos conteúdos revelados por cada participante para em seguida serem analisados.

Seguiu-se a fase de análise. Nesta fase optou-se primeiramente por uma análise de conteúdo, mais concretamente uma análise categorial dos resultados obtidos pelo total de participantes e posteriormente dos resultados obtidos nos três grupos de participantes. Grupos criados com base na teoria dos “Ciclos de Vida Profissional dos Professores” de Michael Huberman. Num segundo momento, realizou-se uma análise quantitativa dos resultados obtidos nos três grupos de professores, afim de verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre as respostas. Esta análise foi realizada através do programa SPSS 18 (Statistical Package for Social Sciences, versão 18). A comparação dos resultados obtidos pelos grupos nas diferentes categorias e/ou sub-categorias, foi realizada através do teste Fisher, teste não paramétrico para contagens, adequado para variáveis qualitativas cujas observações são organizadas em frequências absolutas, considerando-se estatisticamente significativos os resultados com  $p\text{-value} \leq 0,05$ .

É de salientar que a análise estatística não foi aplicada às categoria e/ou sub-categorias com ocorrências inferiores a 5, nem às categorias e/ou sub-categorias nas quais claramente não existem diferenças nas respostas dadas.

### 3. Resultados

Como podemos verificar os professores que participaram nesta investigação representam o bullying como um fenómeno de agressão física e psicológica que pressupõe a violência entre alunos. Os professores consideram ainda que o bullying é um fenómeno sistemático e antigo.

Ao analisarmos as representações que os professores têm do bullying segundo a fase de carreira em que se encontram, verificamos que para os professores do Grupo 1 o bullying é um fenómeno de agressão psicológica e física que implica a violência entre alunos. Sendo um fenómeno que envolve sistematicidade e perseguição.

Para os professores do Grupo 2 o bullying é um fenómeno de agressão física e psicológica, que implica a violência entre alunos e a violência para com outros. Sendo considerado um comportamento sistemático e antigo.

Para os professores do Grupo 3 o bullying é um fenómeno de agressão física e psicológica, que pressupõe a violência para com outros. Sendo considerado um fenómeno antigo.

Com o auxílio do teste Fisher foi possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre o Grupo 1 e 3 na sub-categoria “entre alunos” ( $p = 0,041$ ;  $N = 40$ ) ( $p < 0,05$ ). Não tendo sido identificadas diferenças estatisticamente significativas nas

restantes categoria e/ou sub-categorias testadas.

Como podemos observar 35% dos professores referem que o bullying ocorre com muita frequência e 32% referem que o bullying ocorre com pouca frequência.

Ao analisarmos a dimensão 2 por fases de carreira, constatamos que 45% dos professores do Grupo 1 e 2 consideram que o bullying acontece com muita frequência e 30 % considera que o bullying ocorre com pouca frequência.

Já 35% dos professores do Grupo 3 consideram que o bullying acontece com pouca e 20% referem que o bullying ocorre com alguma frequência.

Tabela 1: A representação que os professores têm do bullying.

Dimensão 1: Representação			
Categorias	Sub Categorias	Ocorrências	% N = 60
Violência	- Entre alunos	20	33%
	- Outros/ Terceiros	16	27%
Agressão	- Física	40	67%
	- Psicológica	37	62%
	- Verbal	8	13%
	- Sexual	1	2%
	- Indiferenciada	4	7%
Outras Características	- Fenómeno antigo	11	18%
	- Sistemático	15	25%
	- Intencional	6	10%
	- Intimidação	4	7%
	- Actuação em grupo	3	5%
	- Coação	5	8%
	- Perseguição	5	8%

Tabela 2: Resultados obtidos por fase de carreira

Dimensão 1: Representação							
Categorias	Sub Categorias	Grupo 1	% n = 20	Grupo 2	% n = 20	Grupo 3	% n = 20
Violência	- Entre alunos	10	50%	7	35%	3	15%
	- Outros/ Terceiros	4	20%	6	30%	6	30%
Agressão	- Física	14	70%	14	70%	12	60%
	- Psicológica	15	75%	11	55%	11	55%
	- Verbal	1	5%	4	20%	3	15%
	- Sexual	0	0%	1	5%	0	0%
	- Indiferenciada	1	5%	1	5%	2	10%
Outras Caract.	- Fenómeno antigo	1	5%	6	30%	4	20%
	- Sistemático	3	15%	9	45%	3	15%
	- Intencional	1	5%	2	10%	3	15%
	- Intimidação	0	0%	1	5%	3	15%
	- Actuação em grupo	0	0%	0	0%	3	15%
	- Coação	2	10%	3	15%	0	0%
	- Perseguição	3	15%	2	10%	0	0%

Legenda:

- Grupo 1 – 1 a 6 anos de carreira
- Grupo 2 – 7 a 25 anos de carreira
- Grupo 3 – 26 a 40 anos de carreira

Como podemos verificar, a agressão psicológica seguida da agressão física são consideradas pelos professores como os tipos de bullying mais frequentes.

Ao analisarmos o tipo de bullying que os professores consideram mais frequente tendo em conta a fase de carreira em que se encontram, constatamos que para os professores do Grupo 1 e 2 o tipo de bullying que ocorre com mais frequência é a agressão psicológica. Já para os professores em final de carreira,

a agressão física é o tipo de bullying mais frequente.

Os espaços de convívio como o recreio ou a sala de alunos foram claramente os espaços mais referidos pelos professores que participaram nesta investigação.

Analisando as respostas dados pelos professores de acordo com a fase de carreira em que se encontram verificamos os espaços de convívio são apontados pelos três grupos de professores como

os locais onde o bullying ocorre mais frequentemente.

Os professores caracterizam os agressores como líderes, como sendo fisicamente mais fortes que as vítimas e como crianças que não têm apoio familiar.

Olhando para as características que os professores atribuem aos agressores tendo em conta a fase de carreira em que se encontram verificamos que os professores do Grupo 1 caracterizam os

Tabela 3: A percepção da frequência com que o bullying ocorre nas escolas

Dimensão 2: Frequência		
Categorias	Ocorrências	% N = 60
Muita Frequência	21	35%
Alguma Frequência	8	13%
Pouca Frequência	19	32%
Nunca	7	12%
Difícil de Identificar	2	3%

Tabela 4: Resultados obtidos por fase de carreira

Dimensão 2: Frequência						
Categorias	Grupo 1	% n = 20	Grupo 2	% n = 20	Grupo 3	% n = 20
Muita Frequência	9	45%	9	45%	3	15%
Alguma Frequência	3	15%	1	5%	4	20%
Pouca Frequência	6	30%	6	30%	7	35%
Nunca	2	10%	2	10%	3	15%
Difícil de Identificar	0	0%	1	5%	1	5%

Legenda:

- Grupo 1 – 1 a 6 anos de carreira
- Grupo 2 – 7 a 25 anos de carreira
- Grupo 3 – 26 a 40 anos de carreira

Tabela 5: A percepção do tipo de bullying que ocorre com mais frequência

Dimensão 3: Tipo		
Categorias	Ocorrências	% N = 60
Agressão Física	21	35%
Agressão Verbal	16	27%
Agressão Psicológica	29	48%
Ataques à Propriedade	4	7%
Desconhecem	1	2%

agressores como líderes, como crianças populares e como fisicamente mais fortes que as vítimas, considerando também que os agressores têm baixo rendimento escolar.

Os professores do Grupo 2 vêem os agressores como crianças fortes ao nível

físico, como líderes, como dominadoras, não tendo apoio familiar.

Por fim, os professores do Grupo 3 caracterizam os agressores como fisicamente fortes e mais velhos que as vítimas, considerando estas crianças como agressivas, líderes e sem apoio

familiar. Com o auxílio do teste Fisher foi possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre o Grupo 1, o Grupo 2 e o Grupo 3 na categoria “Vida Escolar” ( $F_i = 7,176$ ;  $p = 0,031$ ;  $N = 60$ ) ( $p < 0,05$ ). Não tendo sido identificadas diferenças estatisticamente significativas nas restantes categoria e/ou sub-categorias testadas.

Tabela 6: Resultados obtidos por fase de carreira

Dimensão 3: Tipo						
Categorias	Grupo 1	% n = 20	Grupo 2	% n = 20	Grupo 3	% n = 20
Agressão Física	7	35%	6	30%	8	40%
Agressão Verbal	3	15%	6	30%	7	35%
Agressão Psicológica	13	65%	9	45%	7	35%
Ataques à Propriedade	1	5%	1	5%	2	10%
Desconhecem	1	5%	0	0%	0	0%

Legenda:

- Grupo 1 – 1 a 6 anos de carreira
- Grupo 2 – 7 a 25 anos de carreira
- Grupo 3 – 26 a 40 anos de carreira

Tabela 7: A percepção do local onde o bullying ocorre mais frequentemente

Dimensão 4: Local		
Categorias	Ocorrências	% N = 60
Sala de aula	9	15%
Espaços de convívio	43	72%
Locais menos vigiados	16	27%
Imediações da escola	16	27%
Outros locais	5	8%

Tabela 8: Resultados obtidos por fase de carreira

Dimensão 4: Local						
Categorias	Grupo 1	% n = 20	Grupo 2	% n = 20	Grupo 3	% n = 20
Sala de aula	1	5%	5	25%	4	20%
Espaços de convívio	14	70%	14	70%	15	75%
Locais menos vigiados	6	30%	7	35%	3	15%
Imediações da escola	5	25%	4	20%	7	35%
Outros locais	3	15%	1	5%	1	5%

Legenda:

- Grupo 1 – 1 a 6 anos de carreira
- Grupo 2 – 7 a 25 anos de carreira
- Grupo 3 – 26 a 40 anos de carreira

Tabela 9: A percepção das características dos agressores

Dimensão 5: Características dos Agressores			
Categorias	Sub categorias	Ocorrências	% N = 60
Características Físicas	- Poder físico	13	22%
	- Mais velhos	4	7%
Características Psicológicas	- Agressivos	9	15%
	- Extrovertidos	1	2%
	- Líderes	14	23%
	- Auto-confiantes	3	5%
	- Populares	5	8%
	- Dominadores	7	12%
	- Baixa auto-estima	5	8%
Vítima de Violência	-	8	13%
Vida Escolar	-	9	15%
Vida Familiar	-	13	22%
Desconhecem	-	8	13%

Tabela 10: Resultados obtidos por fase de carreira

Dimensão 5: Características dos Agressores							
Categorias	Sub categorias	Grupo 1	% n = 20	Grupo 2	% n = 20	Grupo 3	% n = 20
Características Físicas	- Poder físico	5	25%	6	30%	2	10%
	- Mais velhos	1	5%	1	5%	2	10%
Características Psicológicas	- Agressivos	2	10%	3	15%	4	20%
	- Extrovertidos	1	5%	0	0%	0	0%
	- Líderes	5	25%	5	25%	4	20%
	- Auto- confiantes	2	10%	0	0%	1	5%
	- Populares	4	20%	0	0%	1	5%
	- Dominadores	1	5%	3	15%	3	15%
	- Baixa auto- estima	1	5%	2	10%	2	10%
Vítima de Violência	-	3	15%	3	15%	2	10%
Vida Escolar	-	6	30%	0	0%	3	15%
Vida Familiar	-	4	20%	4	20%	5	25%
Desconhecem	-	3	15%	2	10%	3	15%

Legenda :

- Grupo 1 – 1 a 6 anos de carreira
- Grupo 2 – 7 a 25 anos de carreira
- Grupo 3 – 26 a 40 anos de carreira

Os professores que participaram nesta investigação caracterizam as vítimas como crianças com problemas relacionais, emocionalmente frágeis, tendo uma baixa auto-estima. Em termos físicos, os professores consideram que as vítimas são frágeis. Os professores consideram também que as vítimas são bons alunos.

Abordando as características que os professores nas diferentes fases de carreira atribuem às vítimas, observamos que para os professores do Grupo 1 as vítimas são crianças com algum tipo de particularidade, sendo também consideradas crianças com baixa auto-estima que apresentam problemas ao nível relacional. Para estes professores,

as vítimas são crianças assíduas e bons alunos.

Para o Grupo 2, as vítimas são fisicamente frágeis, apresentam algum tipo de particularidade, são emocionalmente frágeis, são introvertidas e têm problemas relacionais.

Tabela 11: A percepção das características das vítimas

Dimensão 6: Características das Vítimas			
Categorias	Sub categorias	Ocorrências	% N = 60
Características Físicas	- Fragilidade física	11	18%
	- Mais novos	3	5%
	- Particularidades	12	20%
Características Psicológicas	- Fragilidade emocional	20	33%
	- Baixa auto-estima	17	28%
	- Dificuldades de defesa	11	18%
	- Problemas relacionais	21	35%
	- Introvertidos	16	27%
	- Submissos	2	3%
	- Inseguros	7	12%
Vida Escolar	-	8	13%
Vida Familiar	-	2	3%
Desconhecem	-	7	12%

Tabela 12: Resultados obtidos por fase de carreira

Dimensão 6: Características das Vítimas							
Categorias	Sub categorias	Grupo 1	% n = 20	Grupo 2	% n = 20	Grupo 3	% n = 20
Características Físicas	- Fragilidade física	2	10%	4	20%	5	25%
	- Mais novos	1	5%	1	5%	1	5%
	- Particularidades	4	20%	5	25%	3	15%
Características Psicológicas	- Fragilidade emocional	4	20%	9	45%	7	35%
	- Baixa auto-estima	9	45%	5	25%	3	15%
	- Dificuldades de defesa	2	10%	4	20%	5	25%
	- Problemas relacionais	9	45%	6	30%	6	30%
	- Introvertidos	6	30%	6	30%	4	20%
	- Submissos	1	5%	0	0%	1	5%
	- Inseguros	2	10%	3	15%	2	10%
Vida Escolar	-	3	15%	0	0%	5	25%
Vida Familiar	-	0	0%	0	0%	2	10%
Desconhecem	-	4	20%	1	5%	2	10%

Legenda:

- Grupo 1 – 1 a 6 anos de carreira
- Grupo 2 – 7 a 25 anos de carreira
- Grupo 3 – 26 a 40 anos de carreira

Para o Grupo 3, as vítimas são fisicamente e emocionalmente frágeis, apresentam problemas ao nível relacional, são assíduos e bons alunos.

As estratégias de remediação mais mencionadas pelos professores foram o apoio individual à vítima e os castigos como a punição.

Para os professores do Grupo 1 as estratégias de remediação mais referidas foram o apoio individual à vítima e os castigos como a punição.

Para os professores do Grupo 2, o apoio individual à vítima, o dialogar com os envolvidos e os castigos como a punição são as estratégias mais mencionadas.

Já para os professores do Grupo 3, as estratégias de remediação mais referidas foram a existência de recursos humanos na escola, o apoio individual à vítima e ao agressor e a punição.

Como podemos ver os professores nomeiam como principais estratégias de prevenção, a sensibilização dos alunos e professores e a formação.

Tabela 13: As estratégias de remediação do bullying apontadas pelos professores

Dimensão 7: Estratégias de Remediação			
Categorias	Sub categorias	Ocorrências	% N = 60
Escola	- Recursos Humanos	11	18%
Apoios Individuais	- Agressor	8	13%
	- Vítima	18	30%
	- Família	3	5%
	- Compreender os motivos	7	12%
	- Dialogar	11	18%
Castigos	- Punição	26	43%
	- Trabalho Comunitário	4	7%
	- Responsabilização da Família	5	8%
Desconhecem	-	3	5%

Tabela 14: Resultados obtidos por fase de carreira

Dimensão 7: Estratégias de Remediação							
Categorias	Sub categorias	Grupo 1	% n = 20	Grupo 2	% n = 20	Grupo 3	% n = 20
Escola	- Recursos Humanos	3	15%	3	15%	5	25%
Apoios Individuais	- Agressor	2	10%	1	5%	5	25%
	- Vítima	8	40%	5	25%	5	25%
	- Família	0	0%	1	5%	2	10%
	- Compreender os motivos	1	5%	4	20%	2	10%
	- Dialogar	3	15%	5	25%	3	15%
Castigos	- Punição	8	40%	10	50%	8	40%
	- Trabalho Comunitário	0	0%	3	15%	1	5%
	- Responsabilização da Família	1	5%	1	5%	3	15%
Desconhecem	-	2	10%	0	0%	1	5%

Legenda:

- Grupo 1 – 1 a 6 anos de carreira
- Grupo 2 – 7 a 25 anos de carreira
- Grupo 3 – 26 a 40 anos de carreira



Ao nível das estratégias de prevenção mais referidas pelos professores tendo em conta a fase de carreira em que se encontram, constatamos que os professores em início de carreira referem a sensibilização dos alunos e professores e a supervisão de comportamentos em sala de aula. As estratégias mais apontadas

pelos professores do Grupo 2 e 3 foram a sensibilização e a formação.

Como verificamos 83% dos professores que participaram nesta investigação nunca teve formação na área do bullying.

Ao analisarmos as respostas dadas pelos professores em de acordo com a fase de carreira em que se encontram conferimos que 90% dos professores do Grupo 1 e 2 nunca teve qualquer tipo de formação na área do bullying e que 70% dos professores do Grupo 3 manifestou nunca ter tido formação nesta área. O grupo 3 foi

Tabela 15: As estratégias de prevenção do bullying apontadas pelos professores

Dimensão 8: Estratégias de Prevenção			
Categorias	Sub categorias	Ocorrências	% N = 60
Escola	- Recursos humanos	3	5%
	- Autonomia	4	7%
	- Sensibilização	26	43%
	- Vigilância	8	13%
Sala de aula	- Formação	15	25%
	- Audiovisuais	1	2%
	- Super visionar comportamentos	7	12%
Desconhecem	-	2	3%

Tabela 16: Resultados obtidos por fase de carreira

Dimensão 8: Estratégias de Prevenção							
Categorias	Sub categorias	Grupo 1	% n = 20	Grupo 2	% n = 20	Grupo 3	% n = 20
Escola	- Recursos humanos	2	10%	0	0%	1	5%
	- Autonomia	1	5%	2	10%	1	5%
	- Sensibilização	8	40%	8	40%	10	50%
	- Vigilância	4	20%	3	15%	1	5%
Sala de aula	- Formação	4	20%	5	25%	6	30%
	- Audiovisuais	0	0%	0	0%	1	5%
	- Supervisionar comportamentos	5	25%	2	10%	0	0%
Desconhecem	-	0	0%	1	5%	1	5%

Legenda:

- Grupo 1 – 1 a 6 anos de carreira
- Grupo 2 – 7 a 25 anos de carreira
- Grupo 3 – 26 a 40 anos de carreira

no entanto, o grupo de professores que mais afirmou ter tido formação na área do bullying.

#### 4. Discussão

Relativamente à representação que os professores têm do bullying, verificamos que os participantes desta investigação, definem o bullying como um fenómeno antigo e sistemático, caracterizado pela violência entre alunos, violência que segundo eles se manifesta por meio da agressão física e psicológica. Esta definição vai ao encontro da definição que Olweus (1993), nos dá do conceito de bullying. O autor define este conceito como a “vitimização ou o maltrato por abuso entre iguais”, referindo que a vitimização é “uma conduta de agressão física e/ou psicológica realizada pelo aluno ou alunos elegendo outro aluno como vítima dos seus ataques”. Olweus (1999, cit. por Guerin & Hennessy, 2002), diz-nos também que o bullying é uma forma de comportamento maldosa, deliberada e com frequência persistente, considerando as acções negativas,

presentes nas situações de bullying, como acontecendo de forma repetida e ao longo do tempo. Ainda a respeito do modo como os professores desta investigação representam o bullying, é importante salientarmos que embora a agressão física e a agressão psicológica constituam as formas de agressão mais referidas pelos professores, a agressão física continua a ser mais referida do que a agressão psicológica. Esta é aliás, uma tendência atestada por diversos autores, como Carne, Green, Hezler e Miller (2001, cit. por Menesini, Fonzi, & Smith, 2002), que dizem que os professores reconhecem com maior facilidade e reagem mais perante comportamentos de agressão física, do que perante a agressão verbal ou psicológica.

Centrando-nos na representação que os professores têm do bullying consoante a fase da carreira em que se encontram, verificamos que os professores em início de carreira são os que mais referem a agressão psicológica referindo-a mais que a agressão física. Este evento, pode justificar-se pelo facto de o bullying psicológico só recentemente ter começado a ter maior visibilidade. A sensibilização

para outras formas de bullying que não o bullying físico, é bastante recente, como tal, é natural que os professores mais novos estejam mais atentos a esta forma de bullying, do que os demais professores. A este respeito, Leonardo (2007), refere que quando começaram a ser divulgados estudos sobre bullying, a maioria das investigações recaía sobre as formas de agressão física.

Quanto à frequência com que o bullying ocorre, vemos que a maioria dos professores, afirma que este fenómeno ocorre com muita frequência. Perante este resultado, podemos perceber que os comportamentos de bullying são uma prática frequente nas escolas e que os professores estão hoje em dia mais atentos a estas situações, sendo capazes de as identificar com mais frequência. De facto vemos que o bullying tem recebido grande atenção por parte dos media podendo os professores ser influenciados por isso (Baumen & Del Rio, 2006). Há no entanto, que ter em atenção, que uma percentagem significativa de professores, referiu que o bullying ocorre com pouca frequência, o que pode ser legitimado pelo facto de

Tabela 17: A formação dos professores na área do bullying

Dimensão 9: Formação		
Categorias	Ocorrências	% N = 60
Sim	10	17%
Não	50	83%

Tabela 18: Resultados obtidos por fase de carreira

Dimensão 9: Formação						
Categorias	Grupo 1	% n = 20	Grupo 2	% n = 20	Grupo 3	% n = 20
Sim	2	10%	2	10%	6	30%
Não	18	90%	18	90%	14	70%

Legenda:

- Grupo 1 – 1 a 6 anos de carreira
- Grupo 2 – 7 a 25 anos de carreira
- Grupo 3 – 26 a 40 anos de carreira

grande parte dos comportamentos de bullying acontecerem fora da sala de aula, o que faz com que seja difícil para os professores estarem atentos a todas as interações que ocorrem entre os alunos (Seixas, 2005).

Ao analisarmos as respostas dadas pelos professores nesta dimensão em função da fase de carreira, verificamos que a maioria dos professores em início e meio de carreira referem que o bullying ocorre com muita frequência e os professores em final de carreira na sua maioria afirmam que este fenómeno ocorre com pouca frequência. A este propósito, alguns autores, afirmam que existem evidências de que os professores mais experientes tendem a ser mais tolerantes ao mau comportamento, percebendo menos comportamentos como problemáticos (Borg & Falzon, 1990; Ramasut & Papatheodorou, 1994; cit. por Boulton, 1997).

Relativamente ao tipo de bullying que os professores percebem como mais recorrente, constatamos que o tipo mais mencionado foi a agressão psicológica, seguida da agressão física. O facto de a maior parte dos professores ter salientado a agressão psicológica como a mais frequente forma de bullying, resulta do facto de os professores em início de carreira e em meio de carreira terem indicado este tipo de bullying como o mais frequente. O mesmo não acontece no grupo de professores em final de carreira que referiram que a agressão física é a mais frequente. Assim, mais uma vez, verificamos que os professores com menos anos de carreira parecem estar mais atentos ao bullying psicológico e os professores em final de carreira parecem dar maior atenção ao bullying físico.

Quanto ao local onde o bullying ocorre, os professores pensam que os espaços de convívio (recreio ou a sala de alunos) são os espaços onde esta prática mais acontece. De facto, de acordo com Mellor e Pereira (1993, 2004, cit. por Leonardo, 2007), o interior da escola, os pátios e as áreas de recreio constituem os locais apontados pelas investigações como os espaços onde o bullying mais é praticado.

A propósito do retrato que os professores fizeram do agressor e da vítima, verificamos que os professores consideram que o agressor ao nível físico é um aluno mais forte que a vítima, o que

vai ao encontro do que referem os investigadores que afirmam que o agressor é por norma associado a um indivíduo do sexo masculino, forte fisicamente (Astington, Harris, & Olson, 1988, Butterworth, Haris, Leslie, & Wellman, 1991; Premack & Woodruff, 1978; Whiten, 1991, cit. por Sutton, Smith & Swettenham, 1999). Já, ao nível psicológico, os resultados demonstram que 23% dos professores vêem os agressores como líderes, 15% como alunos agressivos e 12% como dominadores. De facto, segundo Almeida (1995, cit. por Pereira, 2002), os alunos agressivos são mais populares do que as vítimas, e mesmo quando rejeitadas, têm por norma um ou mais amigos que apoiam as seus actos agressivos. Martins (2005), refere também, que os agressores encaram a agressão como um prática aceite e com resultados efectivos. Neste sentido, Martins (2007), refere que o agressor é alguém que gosta de dominar os outros. A vida familiar dos agressores é outro aspecto referido, neste sentido, DeHann (1997, cit. por Lima, Matos, & Carvalhosa, 2001), caracteriza a família dos agressores, como famílias pouco afectuosas e marcadas pela distância emocional entre os membros.

Quando analisamos as respostas dos professores em relação aos agressores, por fases de carreira, temos de destacar que os professores em início de carreira referiram o facto de os agressores terem baixo rendimento escolar. Esta ideia é reforçada por Nansel et al. (2001, cit. por Smokowski & Kopasz, 2005), que focam o facto de os agressores apresentarem dificuldades escolares e demonstrarem uma atitude negativa face à escola. Relativamente às características físicas vemos que a característica mais citada pelos professores dos três grupos foi o poder físico, salientando-se que o mesmo número de professores em final de carreira que apontou o poder físico, referiu que os agressores são por norma mais velhos que as vítimas. Olhando para as características psicológicas que os professores atribuem aos agressores, vemos que os três grupos de professores referiram na sua maioria que os agressores são líderes. No que respeita às vítimas, vemos que ao nível físico os professores apontam as vítimas como portadoras de particularidades que as distinguem dos outros (serem mais gordos, usarem óculos, terem problemas na fala, etc.), o que contribui para o facto de estes alunos serem excluídos do grupo. Nansel et al. (2001, cit. por Smolowski & Kopasz, 2005), referem

até que as vítimas de bullying têm fracas competências sociais e emocionais. Outra das características físicas apontada pelos professores foi a fragilidade física. Segundo McNamara e McNamara (1997, cit. por Smokowsky & Kopasz, 2005), as vítimas são geralmente de estatura baixa, sendo fracas e mais frágeis que os agressores. Ao nível psicológico, as vítimas são vistas como emocionalmente frágeis, com baixa auto-estima e como introvertidas. De facto, Rigby (1996), afirma que as vítimas são passivas, ansiosas, fisicamente mais fracas que os agressores, apresentando uma baixa auto confiança, sendo regra geral tímidas e pouco populares entre os pares.

As respostas dos professores por fase de carreira mostram que a característica física mais citada pelos professores em início e meio de carreira foram as particularidades das vítimas e dos professores em final de carreira foi a fragilidade física. A nível psicológico, os problemas relacionais das vítimas foram uma característica bastante mencionada nos três grupos de professores. Salientamos o facto de o grupo de professores no fim de carreira, ter referido a fragilidade emocional das vítimas e ter sido o grupo que mais referiu as dificuldades de defesa destes alunos. Nesta linha, Martins (2007), diz-nos que as vítimas parecem ser incapazes de se defenderem perante a provocação ou intimidação.

Analisando as estratégias de remediação e de prevenção apontadas pelos professores, verificamos que ao nível da remediação a estratégia mais apontada foram os castigos, como a punição. No entanto, vários autores propõem estratégias de remediação opostas à punição. Note-se o exemplo de Royer (2003, cit. por Pingoello, 2009), que alerta para o facto de uma actuação marcada pela punição dos alunos agressivos, poder resultar no aumento da violência.

Assim, ao olharmos para as estratégias de remediação apontadas pelos grupos de professores, vemos que a estratégia mais apontada pelos três grupos foi a punição dos agressores. Para os professores em início de carreira o apoio à vítima foi também muito apontado, aliás, este foi o grupo que mais apontou esta medida. Já no grupo de professores em meio da carreira, vemos que o apoio à vítima é uma das medidas mais citadas, a par do diálogo com os elementos envolvidos no bullying. De facto, Olweus (1993), alude à importância das conversas com

os agressores e com as vítimas, embora defenda que estas deverão acontecer primeiro individualmente e depois em grupo. Os professores em fim de carreira, na maioria apontam apoio individual à vítima e o apoio individual ao agressor. Este foi o grupo que mais referiu este tipo de apoio. Neste âmbito, Cunha (1991, cit. por Pereira, 2002), defende o trabalho directo com as crianças envolvidas em situações de bullying, propondo duas vertentes de intervenção: com os agressores e com as vítimas. Este foi também, o grupo de professores que mais citou o apoio à família, sendo o que mais referiu que a família deve ser responsabilizada pelos actos de bullying praticados pelos filhos. No entanto, Limper (2000, cit. por Martins, 2005), defende a importância da cooperação entre os pais e os professores, que são os elementos da comunidade educativa que mais se preocupa com o problema da violência escolar.

Quanto à prevenção verificamos que as estratégias ao nível da escola, mais mencionadas foram a sensibilização e a vigilância e ao nível da sala de aula, foram a formação e a supervisão de comportamentos. Pereira (2009), diz-nos que a prevenção do bullying passa pela sensibilização e consciencialização para a existência de um problema, pela sensibilização das crianças para a necessidade de comunicarem as situações de bullying que conheçam e passa pela sensibilização dos professores a ouvirem os alunos e a tomarem as devidas medidas. Thompson e Smith (1991, cit. por Pereira, 2009), referem também a supervisão como uma das medidas de prevenção da agressividade. Ao nível da formação, Root (s.d), revela que alguns dos elementos chave nos programas anti-bullying, passam pela elaboração de uma política de comportamentos da escola em que todos devem ser tratados com respeito. Ainda a este nível, os professores em início de carreira apontam a sensibilização e a supervisão de comportamentos como as medidas mais eficazes na prevenção do bullying, já os professores em meio de carreira e os professores em fim de carreira, apontam a sensibilização e a formação como as medidas que devem ser tomadas ao nível da prevenção.

Por fim, relativamente à existência ou não de formação na área do bullying, vemos que a quase totalidade dos professores não têm formação nesta área. Ao analisarmos este tema por fase de

carreira, verificamos que os professores mais experientes, foram aqueles que mais referiram ter tido formação nesta área. Os dados exprimem a urgência em incluir esta temática na formação dos professores. Assim, sabendo nós, que o papel do professor, como nos diz Assunção, Barreto e Gasparini (2005), já não se cinge à sala de aula e sabendo nós, como nos diz Boulton (1997), que a percepção dos professores acerca do bullying pode influenciar o modo como estes agem perante situações de vitimização, torna-se essencial, a formação dos professores neste tema.

## 5. Referencias Bibliográficas

Almeida, A., Justicia, F., Muñoz, J. (2005). Educación para la convivencia en contextos escolares: una propuesta de intervención contra los malos tratos entre iguales. *Apuntes de Psicología, 1, (23), 27-40*.

Assunção, A., Barreto, S., & Gasparini, S. (2005). O Professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa, 2, (31), 189-199*.

Baumen, S. & Del Rio, A. (2006). Preservice Teacher's Response to Bullying Scenarios: Comparing Physical, Verbal and Relational Bullying. *Journal of Educational Psychology, 98, (1), 219-231*.

Boulton, M. J. (1997). Teacher's views on bullying: definitions, attitudes and the ability to cope. *British Journal of Educational Psychology, 67, 223-233*.

Carvalho, S. F., Lima, L., & Matos, M. G. (2001). Bullying – A provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica 19, (4), 523-537*.

Fox, C. L., & Boulton, M. J. (2005). The social skills problems of victims of Bullying: Self, peer and teacher perceptions. *British Journal of Education Psychology, 75, 313-328*.

Guerin, S., & Hennessy, E. (2002). Pupils' definitions of Bullying. *European Journal of Psychology of Education, 17, (3), 249-261*.

Leonardo, J. (2007). Bullying Escolar – Abordagem Discritiva de um Fenómeno Emergente. *Infância e Juventude, 7, (4), pp. 9-82*.

Martins, M. J. D. (2005). Agressão e vitimização entre adolescentes, em contexto escolar: Um estudo empírico. *Análise Psicológica, 23, (4), 401-425*.

Martins, M. J. D. (2007). Violência interpessoal e maus-tratos entre pares, em contexto escolar. *Revista de Educação, 15, (2), 51-78*.

Menesini, E., Fonzi, A., & Smith, P. K. (2002). Attribution of meanings to terms relates to bullying: A comparison between teacher's and pupil's perspectives in Italy. *European Journal of Psychology of Education, 17, (4), 393-406*.

Newman-Carlson, D., & Horne, A. M. (2004). Bully Busters: A psychoeducational Intervention for reducing bullying behavior in middle school students. *Journal of Counseling & Development, 82, 259-267*.

Olweus, D. (1991). Bully/Victim problems among schoolchildren: Basic facts and effects of School-Based Intervention Program.

Olweus, D. (1993). *Bullying at School: What We Know and What we can do*. Oxford: Backwell.

Pereira, B. O. (2002). Para uma escola sem violência. *Estudo e prevenção das práticas agressivas entre as crianças*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Fundação Calouste Gulbenkian.

Pereira, B. O. (2009). Recreios escolares e prevenção da violência: dos espaços às actividades. In R. T. Ens; D. S. R. Vosguerau; M. A. Behrens (Orgs.). *O trabalho do professor no espaço escolar*. Curitiba: Champagnat.

Pingoello, I. (2009). Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do bullying em sala de aula. *Universidade Estadual Paulista*. Consultado em 14 de Julho através de [http://marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/pingoello\\_i\\_ms\\_mar.pdf](http://marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/pingoello_i_ms_mar.pdf)

Rigby, K. (1996). *Bullying in schools and what to do it*. Melbourne. Australian Council for Educational Research.

Robinson, G., & Maines, B. (1993). The no blame approach to Bullying in school. *Psychology Europe, 3, (1), 19-28*.

Root, T. (s.d). Student/teacher partnerships can be the key to combat Bullying.

*Education Journal, 7, p.92*.

Seixas, S. R. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica, 23, (2), 97-110*.

Smokowski, P. R., & Kopasz, K. H. (2005). Bullying in School: An Overview of Types, Effects, Family Characteristics and Intervention Strategies. *Children & School, 27, (2), 101-109*.

Sutton, J., Smith, P. K., & Swettenham, J. (1999). Bullying and “Theory of Mind”: A Critique of the “Social Skills Deficit” view of Anti-Social Behavior. *Social Development*, 8, (1), 211-225.

Yoon, J. S., & Kerber, K. (2003). Elementary teachers’ attitudes and intervention strategies. *Research in Education*. 69, 27-34.